

YOGASŪTRA DE PATAÑJALI: UMA ANÁLISE DE TRÊS TRADUÇÕES BRASILEIRAS A PARTIR DOS TERMOS VIVEKA, SAMĀDHI E KAIVALYA

DANIEL ALMEIDA DA SILVA¹; PROF.^a DR.^a JULIANA STEIL²; PROF. DR. DILIP
LOUNDO³

¹UFPEl – professordanielliteratura@gmail.com

²UFPEl – julianasteil@gmail.com

³UFJF – loundo@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este concentra-se no estudo do *Yogasūtra* de Patañjali, uma obra central da filosofia indiana. O objetivo é analisar as traduções diretas desta obra do sânscrito para o português brasileiro, destacando como conceitos complexos, como o de *Viveka*, foram interpretados por ARIEIRA (2017), GULMINI (2002) e BARBOSA (1999). A pesquisa examina como a tradução desses termos impacta o texto final dirigido ao leitor brasileiro, considerando os aspectos filosóficos e espirituais que eles carregam em seu idioma original e os aportes das tradições comentariais do Yoga, Saṁkhyā e Vedānta.

A riqueza semântica do texto original permite múltiplas interpretações, influenciadas por fatores como afiliação religiosa e orientações hermenêuticas dos tradutores. O estudo não busca apontar a superioridade de uma tradução sobre as outras, mas investigar como cada tradutor aborda as complexidades semânticas do texto sânscrito e o impacto dessas decisões na recepção do texto no Brasil, onde ocorre um hibridismo dessas tradições. O trabalho levanta a questão de como os leitores brasileiros podem acessar uma compreensão mais profunda dos ensinamentos do Yoga, propondo uma análise crítica que considere as pluralidades semânticas do original e suas ressonâncias na visão ocidental dos conceitos espirituais do Yoga.

2. METODOLOGIA

A análise comparativa da tradução do termo "Viveka" ao longo das traduções de ARIEIRA (2017), GULMINI (2002) e BARBOSA (1999) levou em conta a abordagem dos Estudos Descritivos da Tradução, particularmente a teoria dos polissistemas de EVEN-ZOHAR (1990), e a obra de LEFEVERE (2007), que discute como ideologias e contextos culturais moldam as traduções.

As diferenças entre as traduções no tratamento do termo "Viveka" refletem as diferentes abordagens que cada tradutor adotou, o que, não obstante, também representa a riqueza de interpretações do texto ao longo do tempo. De fato, a tradição indiana vê o *Yogasūtra* não como um texto confinado ao passado, mas como uma obra viva, contemporânea e em constante transformação, pois sua verdade reside em sua capacidade de gerar transformação no leitor. LOUNDO (2019) aborda essa questão ao afirmar que, no contexto indiano, um texto espiritual autêntico é aquele que possui a capacidade de transformar moral, intelectual e espiritualmente seus leitores, o que confere sua autoridade. Essa perspectiva destaca a pluralidade hermenêutica da obra, onde diferentes interpretações, mesmo que aparentemente contraditórias, são aceitas desde que alcancem essa eficácia transformadora.

O mesmo autor argumenta que a verdade de um texto indiano não está em sua inalterabilidade histórica, mas em sua aplicação contemporânea e pragmática, em sua capacidade de lidar com o sofrimento humano e conduzir o buscador à *Libertação (mokṣa)* (LOUNDO, 2019). Em vez de ser visto como um texto sujeito a distorções, o *Yogasūtra* é comparado a uma semente (*bīja*), que, ao ser interpretada, desabrocha de acordo com as necessidades de cada indivíduo ou contexto. GADAMER (1997) complementa essa visão ao afirmar que a compreensão de um texto não pode ser dissociada de sua aplicação, já que todo entendimento é também uma adaptação à situação do leitor. Assim, longe de ser um mero documento histórico, o *Yogasūtra* adquire uma dinâmica vivencial, em que suas múltiplas interpretações se tornam não apenas válidas, mas necessárias para que o texto permaneça relevante e transformador.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo do *Yogasūtra*, o termo "Viveka" (discernimento) é central, significando a prática que separa o real do ilusório e guia o *yogi* em direção à *Libertação (mokṣa)*. Atuando como um fio condutor, *Viveka* refina a percepção (*dhāraṇa*), ajusta a mente (*dhyāna*) e culmina no estado de *Samādhi* (absorção meditativa), onde as distinções entre sujeito e objeto desaparecem. Esse processo destaca o discernimento como uma ferramenta para a compreensão da realidade. Muitas traduções brasileiras interpretam "yoga" como "união", o que pode interferir na percepção do leitor sobre essa jornada. Para a tradição originária do *Yogasūtra* – o Sāṃkhya-Yoga –, a distinção entre *puruṣa* (o *Si-mesmo*, a consciência pura) e *prakṛti* (a natureza material) é essencial, mostrando que a separação revela a verdadeira essência das coisas, e não uma fusão.

Viveka representa a capacidade de distinguir entre a realidade última e as ilusões sensoriais, funcionando como uma lâmina que corta os enganos da mente e liberta o verdadeiro eu.

As traduções diretas aqui analisadas apresentam interpretações diversas do termo "Viveka":

	Barbosa (1999)	Arieira (2017)	Gulmini (2002)
Viveka	Discernimento	Conhecimento discriminativo claro	Sabedoria discriminadora

Para Barbosa, *Viveka* é o coração do método do yoga. Em um dos aforismos, sua tradução salienta a "destruição da impureza" que obscurece a visão do Ser, alinhando-se ao Sāṃkhya, que vê a *Libertação* como separação entre *puruṣa* e *prakṛti*. Notamos ainda que Barbosa opta por uma tradução acessível ao público brasileiro. Embora sua escolha em termos de linguagem busque facilitar a assimilação, pode sacrificar sutilezas e se desvincular de nuances técnicas de uma compreensão mais profunda do discernimento no contexto tradicional do Yoga.

Arieira, por sua vez, usa expressões como "eliminação da impureza", destacando um processo mais gradual e menos abrupto de purificação. Ao dar forte ênfase ao conhecimento (*jñāna*) como a chave para a *Libertação*, traduzindo o termo por "conhecimento discriminativo", Arieira sugere uma leitura vedântica, onde a

Libertação é obtida – prioritariamente – pelo conhecimento (*jñāna*), sendo as outras práticas prescritas na obra secundárias ou subordinadas a ele.

Já Gulmini aponta uma visão moral do discernimento (*Viveka*), enraizada tanto nas tradições do Sāṃkhya-Yoga quanto na acadêmica. Apresentando o processo de purificação como "cumprimento dos componentes do Yoga", sugere que a sabedoria discriminadora surge de práticas morais. Ela descreve *Viveka* como "o salvador", destacando o papel soteriológico desse discernimento.

4. CONCLUSÕES

Este estudo ajuda a demonstrar como as traduções do *Yogasūtra* para o português transcendem questões puramente linguísticas, envolvendo uma rica interação entre filosofia, espiritualidade e cultura. A análise comparativa propõe uma abordagem transdisciplinar que não apenas aprofunda a compreensão de um termo central do yoga, mas também contribui para os estudos de tradução de textos sagrados, em particular o gênero *sūtra*. Esta investigação ressalta a importância de se considerar as diferentes linhagens hermenêuticas no âmbito da tradução de textos tradicionais, uma vez que estas consubstanciam a própria noção de "textualidade" no contexto indiano. Buscou-se oferecer um olhar mais integrado entre tradição e modernidade, o que é crucial para uma apreciação mais abrangente do *Yogasūtra* no cenário contemporâneo, especialmente diante do crescente interesse acadêmico de pesquisadores pela literatura clássica indiana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIEIRA, Gloria. **O yoga que conduz à plenitude**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- BARBOSA, Carlos Eduardo Gonzalez. **Os Yogasutras de Patañjali**. São Paulo: editado pelo autor, 1999.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. **Translatio**, n. 5, 2013.
- GADAMER, H. G. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.
- GULMINI, Lilian. **O Yogasūtra, de Patañjali. Tradução e Análise da Obra**. Dissertação de Mestrado, USP, 2002.
- LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. São Paulo: EDUSC, 2007.
- LOUNDO, Dilip. **Razão com Sabor de Mel: Ensaio de Filosofia Indiana**. Campinas: Editora PHI, 2022.
- LOUNDO, D. **Razão (jñāna) e Devoção (bhakti) no Advaita Vedānta: : Madhusūdāna Sarasvatī (séc. XVI) e o Bhagavad Gītā**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 33, n. 69, p. 1323–1371, 2020. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v33n69a2019-56404. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/56404>. Acesso em: 3 jul. 2024.